TEATRO EM AMBIENTES DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: PROCESSOS TEATRAIS NO CENTRO DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO E NO PRESÍDIO FEMININO DE FLORIANÓPOLIS [1]

Túlio Fernandes Silveira[2], Vicente Concilio[3]

[1] Vinculado ao projeto *"Teatro e Prisão: Práticas de Infiltração das Artes Cênicas em espaços de vigilância*"
[2] Acadêmico do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PROBIC
[3] Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – viconcilio@gmail.com

O presente resumo refere-se às atividades realizadas por mim dentro do projeto de pesquisa *Teatro e Prisão: Práticas de Infiltração das Artes Cênicas em espaços de vigilância*. Os objetivos foram, sobretudo, investigar de forma teórica e prática a inserção do Teatro em contextos de privação de liberdade. Para isso, a ação do grupo de pesquisa se configurou em duas vertentes principais: uma de pesquisa teórica por meio de encontro semanais para estudos e debates de textos sugeridos pelo coordenador; e outra de pesquisa prática por meio da condução de aulas de Teatro em espaços de vigilância.

No meu caso, além da participação semanal no encontro do grupo de pesquisa, atuei, em 2019, como professor de teatro no Centro de Atendimento socioeducativo (CASE) pertencente ao Departamento de Administração Socioeducativa (DEASE) de Florianópolis com jovens em privação de liberdade. E iniciei minha atuação como professor, no início de 2020, no Presídio Feminino de Florianópolis com mulheres em privação de liberdade.

Como embasamento teórico para a realização das aulas práticas, o grupo seguiu uma rotina de estudos teóricos em encontros semanais nas manhãs de sexta-feira do segundo semestre de 2019. Era realizado um debate sobre a estrutura carcerária no Brasil e no mundo, através da leitura e análise de referências bibliográficas lidas a priori. Foram lidos, debatidos e fichados os seguintes livros: *Vigiar e punir: história da violência nas prisões* de Michel Foucault; *Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística* de Vicente Concilio, *Estarão as prisões obsoletas?* de Angela Davis e *Manicômios, prisões e conventos* de Erving Goffman. Outros livros também serviram como base para as ações práticas do grupo como: *Jogos Para Atores e Não Atores* de Augusto Boal e *Jogos Teatrais - O fichário de Viola Spolin* de Viola Spolin.

Nestes encontros semanais, além dos estudos teóricos, fazíamos um compartilhamento sobre os campos de ações práticas, e também realizávamos a orientação com o professor coordenador do projeto para ação da semana seguinte no campo de pesquisa prática. Neste espaço de compartilhamento, pude ter contato e aprender sobre as fissuras possíveis entre Teatro e estes ambientes de privação, entendendo como se portar e trabalhar em um contexto repressor levando uma área de conhecimento artístico tão emancipatória.

No primeiro semestre de 2019, então, minha experiência prática aconteceria na ala masculina (CASE) da instituição socioeducativa em questão (DEASE). Acompanhado da mestranda vinculada ao grupo de pesquisa, Laís Jacques Marques, e coordenado pelo orientador

do projeto, Vicente Concilio, ministrei aulas de iniciação teatral para jovens em privação de liberdade, entre 15 e 18 anos, condicionados a execução de medidas socioeducativas.

Entretanto, a atividade prática de condução de aulas de Teatro na unidade foi interrompida após três encontros devido a falta de interesse de determinados membros da instituição. As dificuldades encontradas não foram tanto de interligar a teoria estudada com a prática teatral junto aos jovens, mas sim a resistência de alguns membros da instituição em entender o Teatro como área de conhecimento proposta por este projeto e, principalmente, de respeitar os professores independentemente da sua sexualidade. Nos deparamos com a realidade estrutural carcerária vigente no Brasil e seus preconceitos.

A reflexão sobre essa interrupção e a dificuldade de encontrar uma atividade prática que substituísse essa primeira proposta fizeram com que eu focasse em estudos teóricos e que serviram para refletir sobre os limites e problemas estruturais da unidade em questão e do sistema carcerário. Esse estudo gerou como fruto a produção de um artigo, escrito em parceria com a mestranda dupla de trabalho deste projeto. Nele, pudemos analisar, a partir de nossa experiência interrompida, as relações de gênero vinculadas ao teatro dentro deste ambiente. Pretendemos publicá-lo em uma revista da área.

Sobre o segundo semestre de 2020, além da continuação de estudos teóricos semanais com o grupo de pesquisa, minha experiência prática se deu no Presídio Feminino de Florianópolis, preparando e propondo aulas de Teatro para mulheres encarceradas. Estas, com idades diversas, se mostraram muito empolgadas com a nossa presença no espaço, já que este encontro foi possível pela já existência do projeto neste ambiente, ao qual a própria instituição pediu a abertura de uma nova turma, por isso fui encaminhado para este campo.

No Presídio Feminino nossas ações foram interrompidas por conta da ameaça concreta de contágio pelo Covid-19. Tão logo, pretendemos retornar a instituição. Por enquanto, mantemos contato com as alunas por cartas.

Como forma de continuação da pesquisa durante a pandemia, nos mantivemos em contato por grupo de whatsapp, assistindo diversas lives e palestras online, podendo debater e criar um ambiente de troca de experiências com outras pessoas e instituições que trabalham também na área artística vinculada a ambientes de privação de liberdade.

Percebo o quanto este processo de pesquisa viabilizou acesso a Arte para pessoas em situações extremas de privação, tanto de cultura como de liberdade. O Teatro funcionou como meio para a iniciação da linguagem artística nestes campos, auxiliando no processo de ressocialização destes indivíduos encarcerados.

Palavras-chave: Pedagogia do Teatro. Teatro e Prisão. Encarceramento.